

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

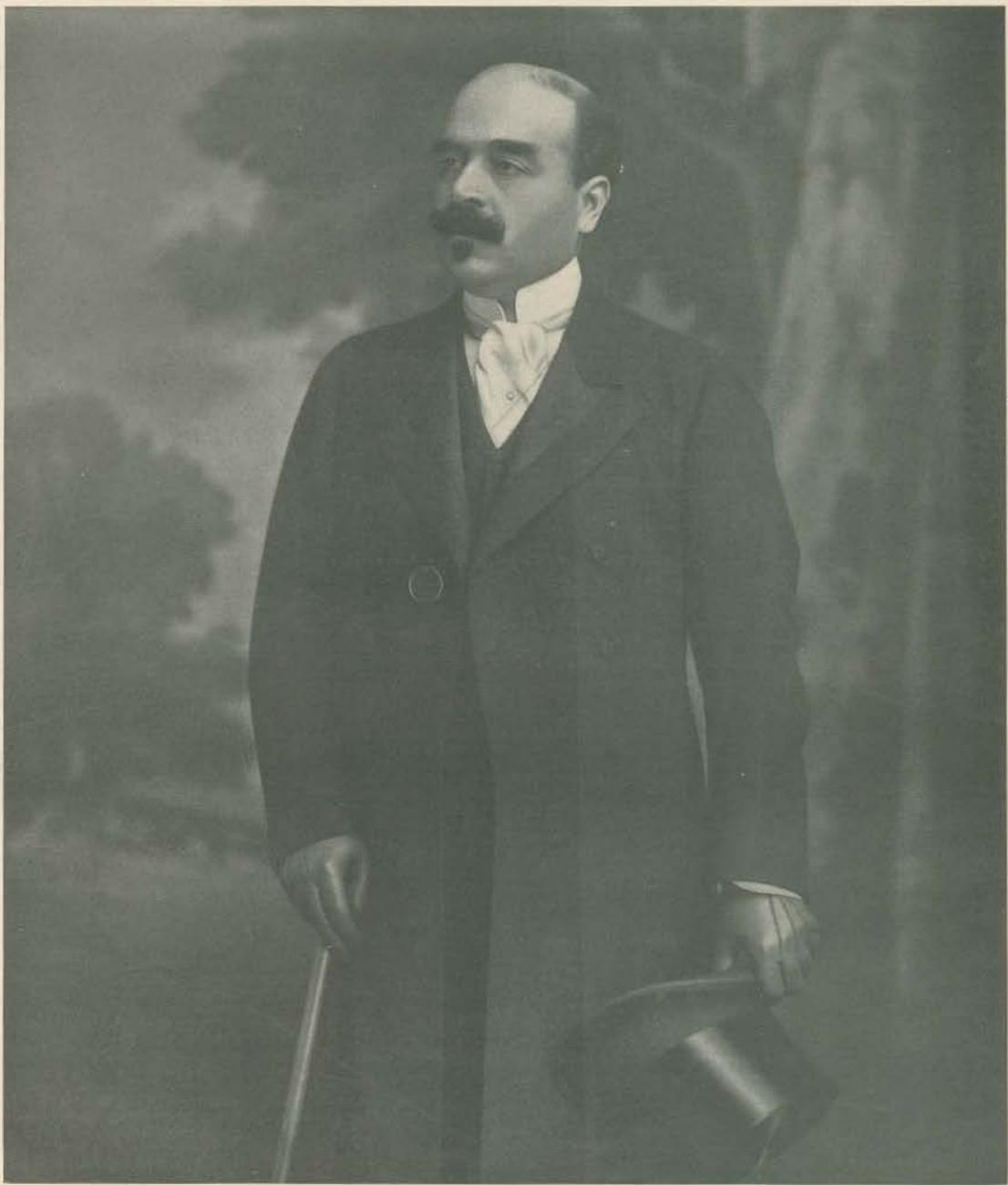
EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e oficinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 9 DE MAIO DE 1904

NUMERO 27



MARQUEZ DE SOVERAL

É um diplomata d'universal reputação o sr. marquês de Soveral. Homem político e homem de sociedade, tem o seu nome ligado à história da reconstituição da aliança ibérica. Antigo pessoal de S. M. e rei Eduardo VII, seu hospede por vinte e seis anos e seu companheiro, merece a alta estima e a consideração em que o tem o soberano da Grã-Bretanha.

O ilustre diplomata foi parte d'essa pleia de talentos que ha duas gerações literaria-se, se afirma-se sob o nome de *Vencido da Vida*, entre os quais se contavam nomes como o do maior do romance moderno, Ribe de Queirós, o do historiador Oliveira Martins, o politico Lobo

D'Avila, os escríptores de rara Hamilko Ortigão, conde d'Arroso, etc. Alto espírito, vivendo entre

essas outras i intelligências d'elite, chamado por uma vocação enorme para a diplomacia, o nosso ministro em Londres tem conseguido fazer uma das mais brilhantes carreiras e tem-se imposto à admiração e à gratidão de todos os portugueses.

Agora o sr. marquês de Soveral veio a Portugal a fim de descansar e recolher-se ao seu solar da Serra, onde receberá as homenagens dos seus conterrâneos que o estimam e respeitam. Foi também inaugurar a nova Misericórdia de S. João da Pesqueira, cuja direcção solicita-lhe a subida hora.

CHRONICA

Ao entrar o maio

O senhor abril chegou ao limiar do céo com a sua tunica de primavera, a sua gorra de botões de rosa e o seu bordão florido d'uma haste d'acácia nobre e rejuvenescida e preparou-se para descansar um anno.

E maio, glorioso, de carnos rosas-lacteas, envergando de lilases, com um ar meio anctuoso, meio revoltado, tendo o roxo das violetas a marcar-lhe a pretensão católica do mez de Maria e a vermelhidão das rosas a definir-lhe os impetos de reivindicações obreras, meio garoto, meio serio, no momento d'avancar para o mundo tanguiu um olhar desdenhoso ao predecessor; e ali, no limiar do céo, travaram-se de razões.

No momento d'entregar o seu sceptro, abril falou assim:

— La vaes tu, oh! maio, reger os homens, com a tua maneira duplice e com o teu ar de mansidão... Não te conhecem e chamam-te mez das rosas, não sabem d'onde vens, nem o que tens feito...

— E tu — volveu a mostrar os dentes feitos de corôas de lyrios — tu, abril enganador que pela alcavalla fechaste o parlamento, tu *blagueur* que ao entrases lanças logo a farga, inventas o teu *postillon*... Ora vê se te recordas d'aquele marelhez que no dia primeiro do teu reinado, no estonteamento, cheio d'uma miragem, entendem lançar às turbas a mentirota de que na praia apparecera, phenomenal e exotico, um monstruoso peixe e que, ao vêr correr toda a gente para as bandas do mar, bateu na testa e exclamou:

— Um peixe monstruo?!! Que?? Será verdade!...

Apesar de ter inventado a mentirota correu também a vêr detraz dos outros que iam apressados, como certo deputado guindado a ministro da fazenda que, depois de ter inventado cifras, quantias nos cofres públicos, foi para o ministerio a vêr se realmente li existia o que espalhara...

Coron o abril, sentiu esfoguetar-se-lhe a cabeça e brandou:

— E's tu que falas, ?! E então não te recordas da tua lenda?!

Com voz pausada, mansa, resaibada por vezes d'ironia, abril, o dos *poissons*, das mentirotas, começo a dizer o que sabia, além no limiar do céo, pela hora tarde de meia noite quando os mundos rolavam infinitamente.

Eis o que elle contou:

No Algarve, linda terra de quebreiras, de sol que embebeda, de luz que exalta, terra de tradições, de



OS CYCLISTAS DE CAÇADORES N.º 2

paganismo, de anciedades nervosas e de poentes cár de sangue, festejava-se outr'ora o maio com grande fausto. Vinham as Maias, mocilhas garidas, vestidas de claro e cobertas de flores, cercando o magico do mez que resplandecia de ouro, que levava todos os cordões e todas as arcoadas, todas as pulseiras, todas as joias da villa empréstadas sentimentalmente pelas mulheres, por essas more-

emquanto o deus pagão, o maio que devia aparecer carregado d'ouro, se enfeitava para ir tomar o seu lugar.

Mas passaram as horas e ento foram bater-lhe à porta. A gente assustada, os corações sobressaltados, n'uma agitação enorme, não podiam calar os seus brados de desespero.

O seu eleito, o bello e verboso desconhecido, o maio da festa, galhardo e pagão, desaparecera e consigo levava o ouro do povoado!

Este contou abril no mez corrente no limiar do céo e no fim do seu reinado, concluindo:

— No Algarve é tão odiado que jáimais lhe dizem o nome, falam de ti zangados e d'uma forma muito impersonal. Não és o maio para essa boa gente algarvia, chamam-te o *mez que ha-de-rir*, isto quando eu reino, o *mez que passon* quando reina o junho... Já vés, pois, a que abjeção chegaste oh! pomposo mez que me increpas algumas tranquilinhas de ponca monta.

Por isso todos temem a tua entrada oh! maio que me atacas!...

O outro mordem os beiços, affastou-se um ponco e volvem:

— Abril, isto, como os tens *poissons*, foram acasos! Nós somos amigos, marchamo seguidamente enquanto o mundo fôr mundo e devemos esquecer tanto os teus peccados, como os meus!

E o outro logo, dengueiro e soridente, passando-o macio braço pelo suave ombro, todo amavios, volvem:

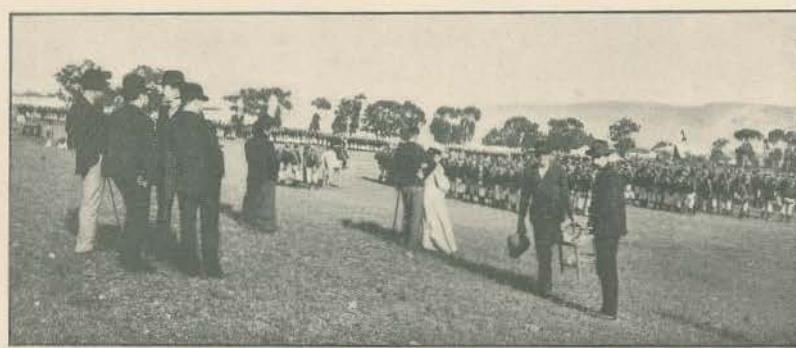
— Sempre fomos amigos... Oh! maio... Basta dizer-te que vnes fazer as eleições, que eu preparei, fechando o parlamento lá nessa terra em baixo onde florescem as laranjeiras e onde tu governas e governarás depois de mim enquanto o mundo fôr mundo!

Estalou rija uma gargalhada, deram-se as mãos: abril sumiu-se nas nuvens e maio entrou glorioso com o seu azul, com as rosas, com a garganta afiada para as preces a Maria, "para o berro socialista, maio entrou trazendo em cada petata roxa da sua grinalda uma lista eleitoral.

Lembræs-vos, pois, do maio, d'aquele forjido do Algarve, lembraes-vos do eleito, senhores, e sobre tudo das eleições que já se preparam n'este mez que, cumplice d'abril, governa sempre após elle, tendo nos olhos a luz gloriosa e no íntimo a manha que o fez lançar mão de ouro, dos festeiros com alguma couça da *blague* que leva o *poisson d'abril*, mentira que se pega, não se nega e se não escuta, passa por brincadeira...

E ver a moral do que elles disseram, senhores, n'essa meia noite, em sabbado, no limiar do infinto!

ROCHA MARTINS.



ASPECTO DO ACAMPAMENTO

nas, de olhos de peccado e falas cantaroladas, que trazem obano nos cabellos e nacar nas boccas.

Ora, certa vez, apareceu um estranho que era bello e falava bem, que cantava e ria e prometia consas e dizia incarnar a valer esse maio pagão da lenda monrisca. E taes artes leve, taes palavras dizia que todos o elegeram para representar de maio. As ruas estavam coalhadas de gente, á soalheira agrupavam-se homens e mulheres.

Já as Maias cantarolavam e o cortejo se formava



INFANTARIA N.º 2 EM MARCHA

DIVERSOS ASPECTOS DOS EXERCÍCIOS MILITARES NO HIPPODROMO DE BELEM



1.º O CARRO DOS JARDINEIROS—2.º O CARRO DO GRUPO DO FUTURO—3.º O CARRO DO TRABALHO—4.º A ASSOCIAÇÃO DOS FÁBRICANTES DE CERVEJA

—5.º O CARRO ONDE FOI CONCRETADA A PEDRA OFERECIDA PELA COOPERATIVA DE MONTELAVAR E DEPOSITADA AO MONUMENTO DE JOSÉ FONTANA—6.º OUTRO ASPECTO DO CARRO DOS FÁBRICANTES

A FESTA DO TRABALHO

Foi no congresso de Zurich em 11 de agosto de 1893 que se deliberou considerar o 1.º de maio como o dia da reivindicação proletária que fez seu símbolo os três oitos: oito horas de trabalho, oito d'estudo e oito de descanso.

E então por todo o mundo, mais há alguns anos do que presentemente, em que as manifestações socialistas tiveram outro carácter sobretudo no exterior, formavam-se grupos, arranjavam-se os carros allegóricos, os operários vestiam as suas blusas, as mulheres vinham juntar-se ao rancho dos operários e assim atravessavam as ruas com os seus pendões e com a sua fé, com a sua alegria de liberdade e com as suas músicas, paralysando por esse dia o Trabalho adorado e venerado no 1.º de maio, como o mais bello santo d'um novo calendário.

Esse dia escolheram-no, pois, os proletários para tal solemnização e para prestarem as suas homenagens aos homens ilustres que tecem paguado pela causa dos trabalhadores.

O operariado, assim, festejando o Trabalho no 1.º de maio, mostrasse como uma nova religião, à qual já tem apresentado os seus martyres e já tem os seus apóstolos no livro d'ouro das ideias de paz e de econonomia.

Entre nós o movimento operário foi iniciado por José Fontana, o combatente, e por uma pleia de rapazes da qual faziam parte Eça de Queiroz e Anthorvo do Quental, que inauguraram suas conferências no Casino, Sonsa Brandão foi também um apóstolo d'essa idéia, mas aquelle que mais ficou no animo dos trabalhadores, aquelle cujo nome se tornou como o símbolo de idéia socialista em Portugal foi José Fontana.

Morto o apóstolo, o movimento continuou ordeiro e com alternativas de energia e de fraqueza, não se defi-

xam todavia de fazer esse cortejo quasi sempre em romaria ao cemiterio dos Prazeres, junto ao sinete tamulo de Fontana.

Iam ali n'uma romaria piedosa e cobriam de flores aquela pedra da qual surge um braço armado com um facão brilhante que é o grito simbólico dos trabalhadores; iam ali e, após algumas palavras ditas sobre a cama de apóstolo, partiam levando a saudade d'esse espírito de cujas facilidades tinha saído o movimento associativo.

Este anno, o cortejo operário teve outro fim—Vae ser levantada em face do Matadouro Municipal uma estatua a Fontana e no 1.º de maio o operariado vai inaugurar a primeira pedra d'esse monumento em presença do sr. Sabino de Sonsa, vereador municipal e delegado camarário.

O cortejo, lindo e grandioso, sob a luz magnificente, com os seus carros, com os seus símbolos, levando milhares de obreiros, lá se foi, acabando por uma romagem piedosa.

O sr. Azedo Guerreiro entregou ao vereador sr. Sabino de Sonsa o martelo com que havia de bater a pedra fundamental do monumento e, após algumas breves palavras, se concluiu a festa do trabalho n'esse 1.º de maio, do sol e alegria, mez de anciadade, d'esperanças para os que trabalham.

Correu tudo em bon ordem e em outras terras do país fizera-se também manifestações assim como no extrangeiro, onde a idéia associativa tem encontrado adeptos e chefiado em homens verdadeiramente prodigiosos.

Com a sua simplicidade e com a sua ordeira forma, o operariado prestou a sua homenagem ao seu mais devotado apóstolo, ao qual se ergueram um singelo busto além, quase no fim da cidade.



OLAVO BILAC

(Phot. Bobone)

Maldicā

Se por vinte annos, n'costa futura escrava,
Deixei dormir a minha maledicā,
— Hoje, velha e cansada ta tortura,
Minha alma se abriu como um vulcā.

E, em torrentes de celeria e loucura,
Sobe a lida cabeca furetao
Vinte annos de silencio e de amargura,
Vinte annos de agonia e solidao!

Maldicā Sejas, pelo Ideal perdidio!
Pelo mal que fizeste sem querer!
Pelo amor que motivou sem Ter nascido!

Pelo luto vizinho sem prezo!
Pela tristeza do que Tenho Sido!
Pelo fulgor do que deusei de Sot!

Olavo BilacA POESIA D'OLAVO BILAC EXPRESSAMENTE ESCRITA PARA SER REPRODUZIDA
NA «ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA»

O gourioso poeta brasileiro, cujos versos tem sonoridades e brillantissimas, toques da crystal "e fulgues d'ouro, é um dos mais queridos entre nos apòs a publicação d'esse bello livro; *Alma Inquieto*.

É novo ainda e já tem o seu nome coberto de gloria. Já elle chegou ató nós n'um assaruro de triâmplos através dos mares, tanto nas obras poéticas, como assignando as chronicas d'uma saior gaules que, publicadas na *Gazeta de Notícias*, constituem um verdadeiro sucesso para o jornal.

Tivemos occasião d'apertar a mão do Ilustre poeta a sua passagem por Lisboa o, felicitando-o, saudando-o, n'elle os homens de letras brasileiros de que é um bem legitimo representante. Em outubro voltará de novo a Portugal o Ilustre poeta a ver as provas da sua ultima produçāo, a qual foi entregue à livraria Teixeira d'esta cidade. Teremos então mais uma vez o prazer de o sambiar o comovendo todos os seus admiradores d'este canto tão distante do Brasil; mas tão ligado a elle pelas tradições de casta e de carácter.



A NOVA CATHEDRAL DE COCHIM

SE. D. MATHEUS DE OLIVEIRA XAVIER, BISPO DE COCHIM

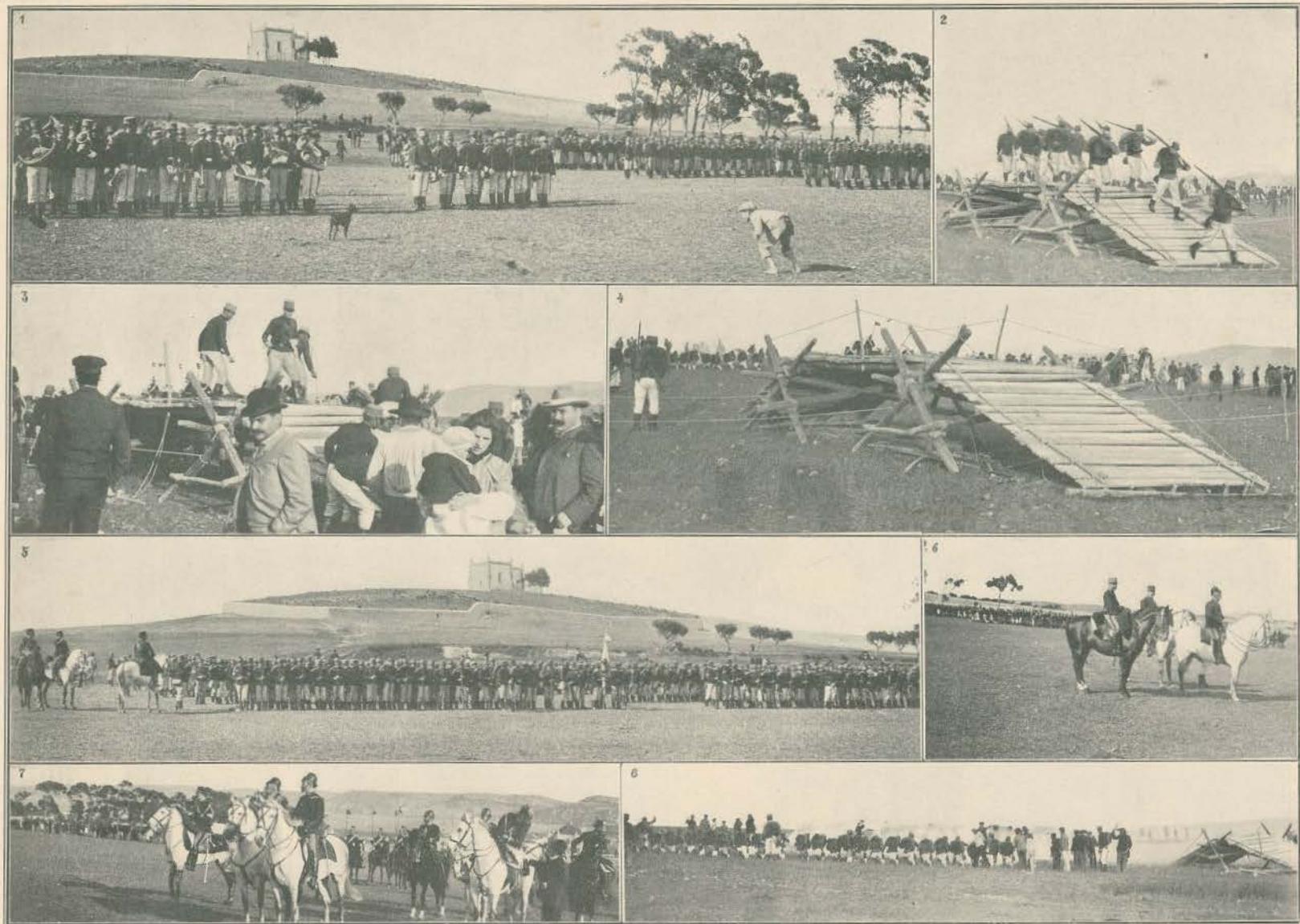


A RECITA DOS ALUMNOS DA ESCOLA MEDICA EM 1º DE MAIO NO THEATRO DA TRINDADE
OS INTERPRETES DA REVISTA "SPECTACULO SUPERFICIAL": ALGUNS ASPECTOS

É uma maravilha a revista, e são maravilhosos os interpretes, todos rapazes da Escola Médica. Ali há vida e graça, fervor e nota musicais, muita risomaria e satyras, desvariações perfeitas, encenações de certa alguma ridiculous no seu aspecto musical que é o. Pudam arranjar outros materiais para a realização de sua intenção. Os velhos e os novos, os mais e os menos experientes, os mais e os menos carismáticos, a personalidade individual ao mais acusar, dedicaram a que seouve tanto alto nesse espetáculo: fazer sorrir e bon rir, em frases gregórias portuguesas.

E os autores da peça, os sr. Xavier da Silva, Ribeira e Fernandes, fizeram aquela peça tanta

de graça, e só de graça, demonstraram que entre gênios de estrutura graciosa há algumas raras. Sólido e monumental é todo o espetáculo da "Flora", que está reckendo de aplausos, bem assim variante a do "Algizar", entabulado com "Barcarola", apresentando d'uma forma encantadora o romântico. O "Spectaculo Superficial" é um dos mais divertidos que já se vêem. Os actores da "Flora" mereceram a entusiástica acolhida. Mas nessa vez houve excesso na viva juventude que lhes fez exagerarem a sua papel, hilariando e famílias e bens, e nesse caso os autores do "Spectaculo Superficial" viverão os aplausos por alegria que o esplêndido público da presente fizesse dispensar.



A REVISTA MILITAR NO HIPPODROMO DE BELEM EM 30 DE ABRIL

1. O REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 1—2. PASSANDO A PONTE EM RETRADA—3. EXAMINANDO A CONSTRUÇÃO DA PONTE—4. A PONTE CONSTRUITA PELOS SAPADORES—5. CAÇADEIROS N.º 2—6. O SR. GENERAL GUERRERO GUARDANDO O SR. GENERAL DE OTIBHO—7. OS RRS. DELEGADOS ASSISTINTOS AO EXERCÍCIO—8. CAÇADEIROS N.º 2 NO EXERCÍCIO



A VIAGEM DO PAQUETE ALLEMÃO «HOHENZOLLEHEN», QUE SAIU DO TEJO EM 1 DE MAIO

1. O vapor «Hohenzollern». — 2. Os oficiais. — 3. Passageiros. — 4. Muito tempo no mar. — 5. Um passageiro chinês. — 6. Passageiros voltando à costa. — 7. Os passageiros no porto.

O «Hohenzollern» partiu a casa Lloyd-Alberti, 27 de maio passado, com destino ao porto de Santos, chegando que fizeram a bordo numerosos passageiros de diferentes países, entre os quais o Dr. José da Cunha (Brasileiro). A bordo havia também moçambiquenses, nascidos ou criados em Lisboa, e houve algumas reuniões, com os mesmos amigos, em Lisboa, quando os passageiros se despediram a bordo. O tempo, durante todo o viagem, foi sempre muito ruim, com tempestades e trovões.

Passaram por muitos portos da costa sul da África. Toda gente alegre, no entanto, devido ao mau tempo, que durou mais de vinte dias, e que trouxe muitas tempestades e trovões, e que só deixa luar. Quando trouxeram os passageiros para bordo do «Hohenzollern», que partiu pelas 10 horas da manhã de domingo, deixando Lisboa com passageiros moçambiquenses impressos de Lisboa, com alguma pena confusa.



A CERIMÔNIA DO ASSENTAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DO MONUMENTO A JOSÉ FONTANA NO DIA 1.^o DE MAIO

A gratidão dos trabalhadores pela memória do apóstolo do movimento operário em Portugal manifestou-se agora ao erguer-se o monumento a José Fontana, o qual durante uma vida inteira, toda de dedicação e de sacrifício, luta pelas classes obreiras.

Além, em face do Matadouro Municipal, numas poligadas de terra, assentou-se a lápide sobre a qual se construirá a estatua representativa do respeito pelo luctador, que será como a prova do reconhecimento proletario.

Em muito boa ordem, com os seus carros alórgicos, com os seus pendões, mulheres e homens, gente das officinas levando consigo os filhos, lá foram prestar a sua homenagem ao apóstolo que tão dedicado lhes foi e assim irão em todos os annos pelo 1.^o de maio cobrir de flores a pede-

tal d'essa estatua, cada primeira pedra foi lançada com a assistencia do vereador municipal sr. Sábio de Souza, a quem o sr. Azedo Gómez entregou a camartello com que devia bater a lápide inicial da estatua de Fontana.



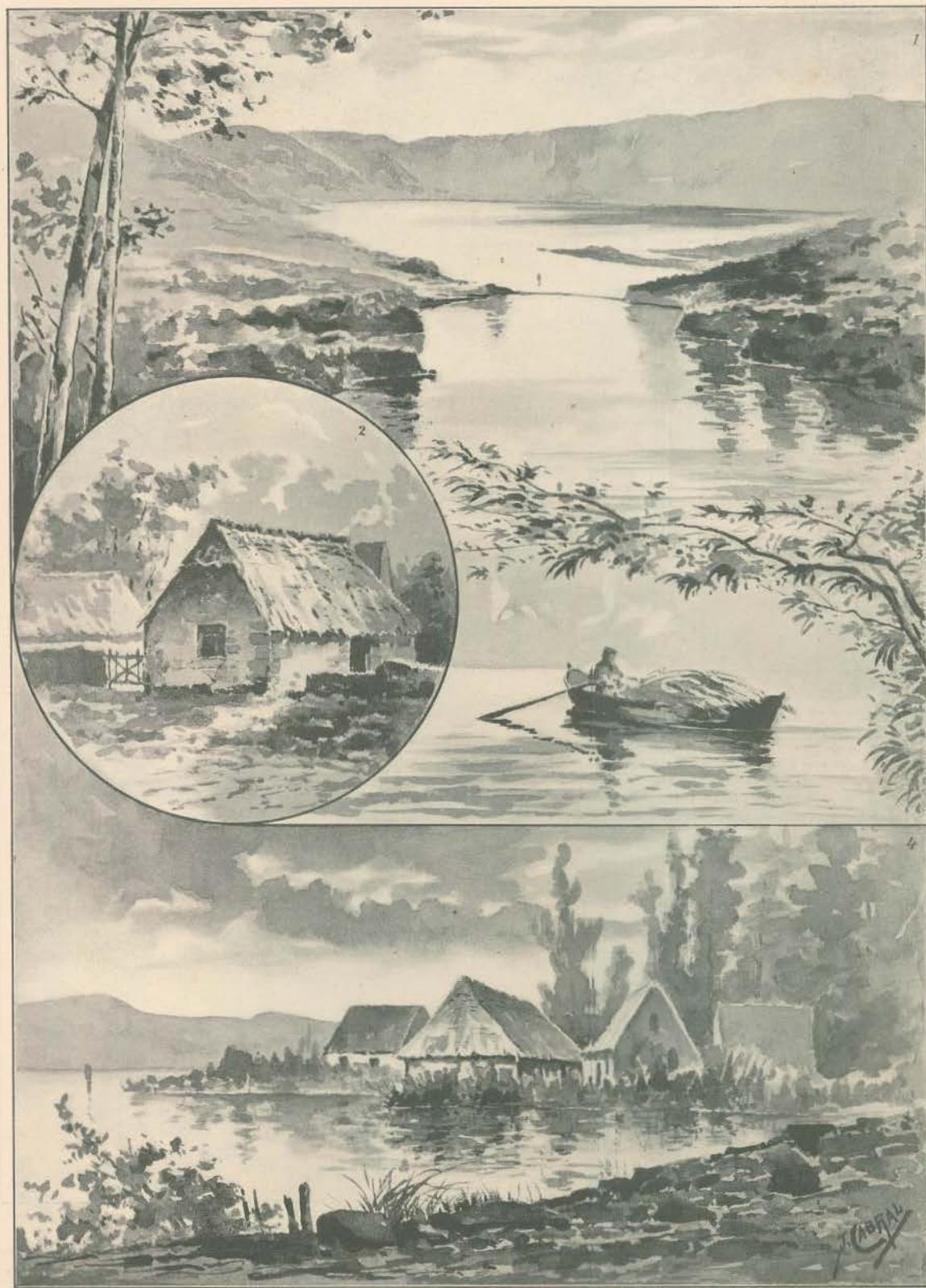
UM ASPECTO DA FEIRA D'ALCÂNTARA NO DOMINGO 1 DE MAIO, DIA EM QUE FOI INAUGURADA

A feira, aquella tradicional feira das Amoreiras e de Belém, em que realmente se feirava os pêros, e outras frutas, feiras que eram bem portuguezas, foram a abastardar-se aos poucos, e agora n'alem, n'aquelle terreno junto a Alcântara mar, é como um encantamento; apresenta-se quasi monotono com a sua pretenção civilizada. Ha grande numero de theatros, círcos, espectáculos de todas as naturezas, barracas em que

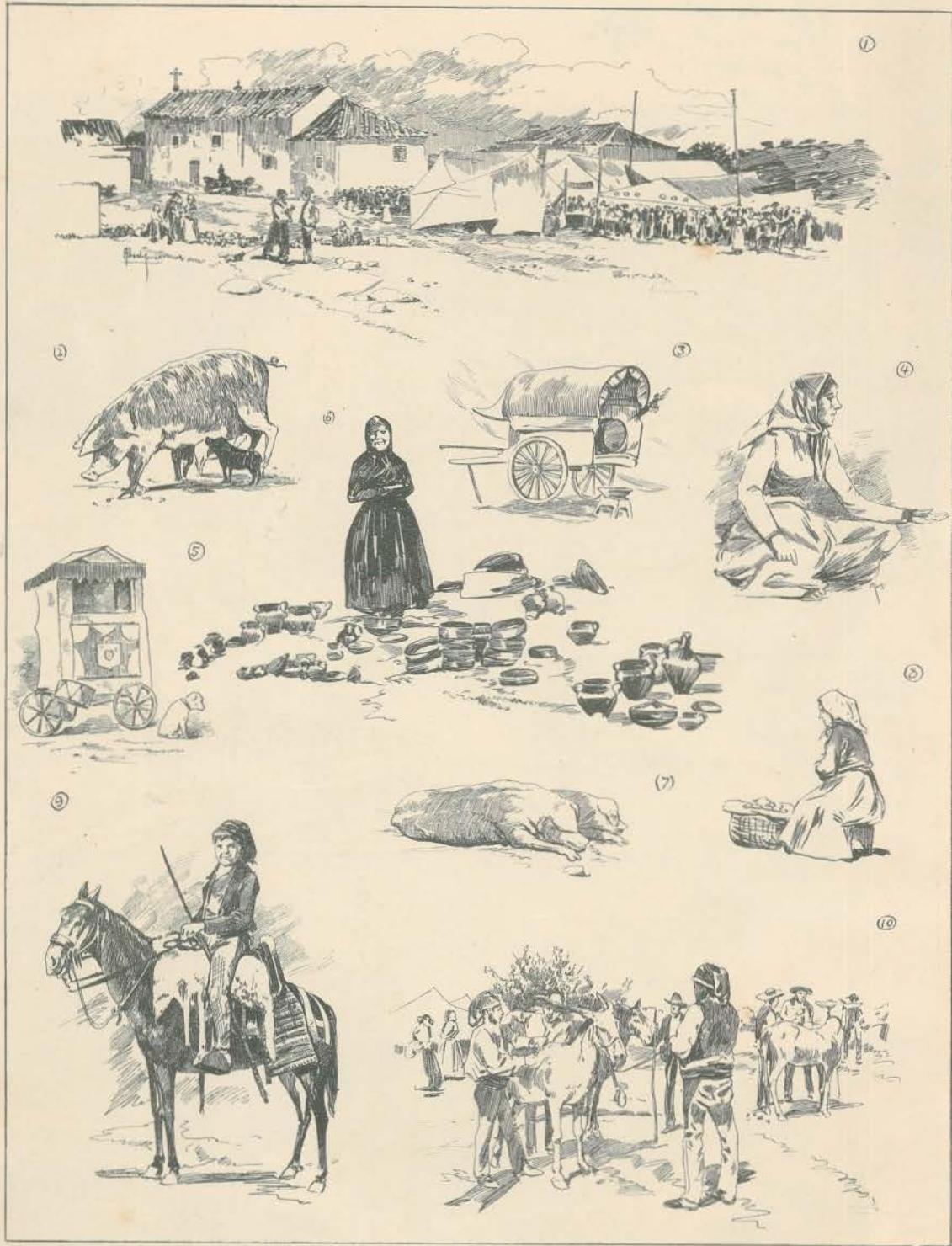
se expõem animatographos, falando, ou cantando, as antigas curiosidades que marcavam bem todo o pittoresco da diversão popular.

Já se não ouve o palhaço à porta das barracas, já não vem fazer esgares e chamar o público; agora tudo mudou, o personagem com muito de caricatura passou o seu lugar a uma turba anedónta que faz negócios como em lojas da Baixa, detrás

do balcão, sem um dito, burguesemente, rou' ando todo o cunho a essa feira popular, feira de marinagem e de operários, onde os instrumentos soprados com fúmea lançam, não o aterroamento, mas a desagradável confusão. Ha, no entanto, algumas barracas interessantes, sendo para notar o numero enorme de restaurantes que se instalaram este anno no local da feira, que em agosto—ao que dissem—irão para Belém.



SETE CIDADES—ILHA DE S. MIGUEL—ACORES
1. OS LAGOS—2. UM CAZAL—3. BARCO DE PASSAGEM—4. À RONDA DO LAGO



A FEIRA DE AGUALVA

1. ASPECTO GERAL DA FEIRA—2. O SACOLEIRO—3. A CARRIÇA DO ALMOCRETE—4. UMA MENDIGA CESA—5. O TURNOIRIO DE FANTOCHE—6. VENDEDORA DE LOÇA—7. BULOS—8. A QUEIJADEIRA—9. UM SUJO DO GATO—10. UMA TRASSEÇAO

A feira na Agualva foi pitoresca e charmosa gente. Fazia-se negócio, enxigava-se ruído de vozes em disputa, os caminhões iam-vindo e vindo, e noutro lado noutro lado os mulcões passavam conduzindo o gado. Ao fim a passageiro, viajante, a vila campesina em toda a sua plenitude, marchadas que vinham de longe, canções que se perdiam nas quobras.

E o gado em montões reposava nas vozeiras dos negociantes, estatelaram-se os vitelinhos brancos, muitos, em grande quantidade, apresentavam-se as vacas malhadas e sobreiros, tratavam-se os negócios de corpo na mão, num disputar que acabava quasi sempre com risos.

Durante os dias da feira, que terminou em 4 de maio, foi grande a afluência de gente a esse belo logarinho de Agualva, onde se tinham armado barracões nas quais o negócio era de primeira ordem.

Decorreu tudo em boa harmonia e as transações foram de certa importância, o que foi bastante útil tanto para os vendedores ambulantes como para o comércio local e mesmo para os mercilhos que se arrastavam, chagados e imariantes, por todo o recinto do mercado e à beira das estradas.



O ASSASSINIO DE DOIS OFFICIAES POR UM CABO DA GUARDA MUNICIPAL.
O ASSASSINO NA REDACÇÃO D'O SÉCULO ENTREGANDO O ARMAMENTO AO SR. MAJOR DIAS DA POLICIA CIVIL.

Não saio d'aqui enquanto o *Século* não souber como praticou o meu crime, foram estas as palavras que o cabo 115 da guarda municipal, Manuel de Deus, pronunciou, sacudindo nervosamente a sua espingarda diante dos que presenciavam prendê-lo na redacção do *Século*, onde se dirigira para entregar a autoridade legal a quem o ter prendido.

Foi em cerca de uma hora e meia que iniciou, no interior do estabelecimento de desvairamento, ao saber que lhe iam ser aplicados 10 dias de detenção, se dirigiu ao sr. capitão João José Rodrigues Baptista da 4.ª companhia da guarda municipal, a quem pertencia o assassino, no intuito d'obter o perdão d'essa castigo que lhe aplicavam. Como o sr. capitão Baptista lhe mostrasse que o devia condenar, o ca-

bo dirigiu-se à escadaria, carregou a espingarda e subiu ao gabinete do oficial desfechos contra ele a arma. Ao ruído de desfechos o alferes Arthur dos Santos Hibretre, que trabalhava n'uma casa contígua, correu para o crime, e qual desfechos normais a arma malandava também este oficial. Em seguida, desfeirando, como de costume, correntes travas das portas, segurando a espingarda e amarrando a porta com um fio, o assassino, com o alferes, dirigiu-se à escadaria, e o alferes, a quem o assassino prestou declarações do acto salinicimico, sendo preso apressado pelo sr. major Dias da polícia; unica pessoa a quem

Manuel de Deus entregou a arma depois de ser ouvido pelos redactores do *Século*.



OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL, POR ALBERTO TELES

O propheta Eliseu declarou que derramou um chão e quatro horas o grego das contendas bairaria à quasi nata, e assim foi. O exorcista exerce, por qualquer motivo, levantos e encantamentos e fuga, a fome diminuiu, e muito avia esperador do estremo da pomba e do cão de bicho flem arrimado.

Peregrinos de deixar essa antiga e penitente aldeia e do nôs meter no caminho. A's duas horas partimo para tomar *bread* e para descansar na antiga Siquem, entre os montes históricos de Gortiânia e de Ebal, onde os templos antigos foram ilhas de tachos de judeus, que estavam em baixo, se escondendo e se homenageando.

XXI

Um ruivo curioso do passado — Siquem — A arte antigas quinze famílias da terra — O mosaico — mais antigo que existiu — O belo tombo de José — o poço de Jacob — Siquem — Aventura — e a antiga arca — A casa de Jacob — Mais atração — Ramat — Beira — e a casa de Siquem, a fonte de Beira — Imprescindível — Procurada de diverso lado — A cidadela, santo a vista — São duplos presentes — Deixa dos meus segredos.

A esteira feixa de terraço em que está situada Siquem, Salem, ou a terra dos siqueiros (que por todas estas três denominações vêm mencionada na Bíblia) é cultivada com o maior perfeição, sendo o seu solo extremamente seco e fértil. Toda mista água, e a sua espessa vegetação contrasta bem com os montes estérilos, que compõem de ambos os lados. Um d'elles é o antigo monte das homenageadas, e outru o das multidões; e os duhos que andam à cara de cumprimentos das propriedades acham aqui uma maravilha d'esse gênero — a saber, que o sono das homenageadas é extraordinariamente fértil e o seu opposto jalameado e contrário. Contudo, não podemos observar que na realidade houveram muita diferença entre elles.

Siquem é notável por ter sido uma das residências de Jacob, e a sede d'essas tradições que se separaram das suas tradições hereditárias e propagaram doutrinas, que não eram conformes com o primitivo credo hebreu. Durante milhares de annos essa gente resistiu em Siquem de batido de estrito falso, tendo penoso trato os relações com os seus semelhantes de qualquer religião ou nacionalidade. Durante gerações não contaram mais de cem ou duzentos, mas ainda seguem a sua antiga fé e conservam as antigas roupas e cerimônias. Falai de família e de antiga linhagem! Olhem-se os principais e os nobres de ascendências que podem fazer remontar a alguma semente. O que vale essa hagieza comparada com esta feixa de antigas primeiras famílias de Siquem, que pode montar os seus antepassados, sem faltar um, seis milhares — referindo a um período tão remoto que os homens viviam n'um país, onde os dias de les desseus annos se descontam, tempos antigos, se confundem e perturbam quando tentam comprehendê-los! Aqui ha respeitabilidade — aqui ha família — aqui ha uma alta

descendência bem merecedora de que se fale n'ella. Este grave e alto rosto de uma comunidade outrora poderosa ainda se mantém respeitado de todo o mundo vivo — como se os que viveram e trabalharam n'uma pena trabalharam penas, como elles permaneceram assim como elles saíram, desde então no mesmo lugar e da mesma maneira antiga e patrícia do seu passo. E é surpreendente para fascinante que em paços de qualques rezendas serrado d'essa raça extrema, exactamente como qualquer berlaria, um voo de moedas vive, em um negócio que se movesse os bens avarentos da crônica, e ac contentar as maravilhas d'esse mundo misterioso que existia antes de diluvio.

Cuidadosamente conservada nos sagrados arquivos d'essa curiosa comunidade, ha um exemplar manuscrito da vestia lei hebreia, que se diz ser o documento mais antigo que ha no mundo. Foi escrito em pergaminho, e nem querem os cossos velhos. Se se pode ver pagando uma espetáculo. A sua fama foi tal que em paixão n'esses últimos tempos por causa desas duas ilhas que fazem anchores de viagens na Palestina se tem julgado atrafugadas a levantar a sua roscia.

José foi as suas últimas disposições aos filhos de Israel em Siquem, e pelo mesmo tempo entrou recentemente um vidente thesoureiro debaixo de um cervalo. Os supersticionosos samaritanos vivem sempre medo de o procurar. Arrebatam que está velho e guarda de espíritos fortes, invadentes nos homens.

A milha e meia, pondo mais ou menos de Siquem, ficamos alto nas falésias do monte Ebal, defronte de uma pequena serra quadrada, erguida por um elevado muro de pedra, tanto bem calcado. Contrariam os lados d'ella ha um tanque construído segundo a arte, de dos matemáticos. E é humilde — de José. Não ha verdadeira arquitetura que seja.

Quando José estava morto, o proprietário deixou das suas propriedades em Egipto, que ocorreu quase cento annos depois. Ao mesmo tempo exigiu de seu povo o juramento de que quando fossem para a terra de Canaan herariam consigo os seus coes

e os labirintos nas antigas terras de seu passo. O juramento foi cumprido.

É os ossos de José, que os filhos de Israel levaram do Egito, foram por ellos sepultados em Siquem n'uma parceria de luto que Jacob compôs aos filhos de Hesron, pai de Siquem, por cem moedas de prata.

Poucos tumulos na terra se impõem à veneração de tantas raças e de homens de diversas etnias como este de José. Respeitam-no igualmente os samaritanos e os judeus, os muçulmanos e os cristãos, e homens ou com as suas cestas. O mundo de José, o filho obediente, o mundo distinto e generoso, o homem pronto, o sábio príncipe e governador. O Egito sentiu a sua influência... o mundo conheceu a sua história.

Nessa mesma parceria de luto, que Jacob compôz aos filhos de Hesron por cem moedas de prata, está a celebração poco de José. E aberto um rocha firme, o túmulo pôs em quadrado e noventa de profundidade.



A PONTE ARABE EM JERUSALIM



dado. A desmontagem d'esta singela cova aberta no solo, por onde se pode passar sem fazer reparo n'ella, é tão familiar como as expressões domésticas ate as crianças e aos camponeses de muitas terras distantes. É mais afanado que o Partenon, e mais antigo que as pirâmides.

Foi ao pé d'este puer que Jesus se sentiu e conversou com a mulher d'essa estranha e antiquada comunidade samaritana, a que me tenho referido, e com ella falei do misteriosa aguia da vida. Como os descendentes de antigos nobres ingleses ainda se desvaneçam com as tradições que na sua casa de que este ou aquelle rei se desmemorou um dia com alguma seu antepassado válido, ha trezentos annos, sól ha d'vidia de que os descendentes dos samaritanos, que lá vivem em Siquem, sinal da antedicta com perdizavel vaidade a essa conversação da sua antecessora, passada ha um certo tempo, com o Messias dos cristãos. Não o provável, que elles dicem por alegre a semelhante distinção. A natureza dos samaritanos é a natureza humana, e isto recorda-se sempre do contacto com as pessoas ilustradas.

Por uma offensa feita à hora da família, os filhos de Jacob exterminaram uma vez todo Siquem.

Dixemos o poco de Jacob, e continuámos a nossa jornada adi o oito horas da noite, mas nas tanto devagar, por termos estado a cavalo desseve horas e os cavallos se acharem crudamente cansados. Havia tempo distanciando tanto das tendas que tivemos de acampar n'uma aldeia árabe e de dormir no chão. Podermos ter dormido um maior caso de todis, mas isso tinha algumas inconvenientes: estava cheia de vermes, tinha o pavimento imundo, não era de nenhuma modo limpa, se unico quarto de cama havia uma folha de cabras, e na sala dois horros. Da parte de hora não havia nenhum transtorno, a não ser que os fuzens aldeões, nadrijeiros e de olhar avrido, de ambos os sexos e de todas as idades, se agrupavam agachados em torno de nós e nos discutiam e apreciavam um alto falatório até a meia noite. Pensei que importava o barulho, estando fatigados, mas só d'vidia o leitor bem vê que é quasi impossível adormecer salendo que estát all gente a mirar-vos. Deixa-

mo-nos as des horas, erguemo-nos às duas da madrugada e partimos outra vez. E' d'este modo que se o perseguido pelos dragões, enja naixa embigão n'esta vida é temer a deanteira los maus.

As alvoradas da manhã passámos por Shiloh, onde a Arca da Aliança esteve trezentos annos, e a engas partas e bumbos velho Eli calhou o partiu o pescoço quando o mensageiro, que partira a todo o galope do campo de batalla, lhe contou a derrota do seu povo, ou, sobretudo, a tomada do orgulho das filhas de Israel, a sua respeitosa, o seu refúgio, a astuta Arca, que os seus antepassados tinham levado consigo do Egypcio... Não é máfia para admittir que em tais circunstâncias o elle calhas e partisse o pescoço. Mas Shiloh não tinha conuertos para nis. Estavamo-lhe frios que só perdiamos ter conforto no movimento, e tão incômodo de amarras-type mal nos podíamos segurar sobre os cavallos.

Descorridos alguns tempo chegámos a um assombroso inferno de ruínas, que ainda hoje se chama Belém. Aqui fui que Jacob descobriu o teu a soberba visita dos anjós que acham e desfiam por uma escada, que chegava da terra de persona, e relance da sua bendidissima estância através das portas do céo.

Aos peregrinos apoderaram-se do que restava da ruína consagrada, e desmontaram pressa de alcançar o fim da nossa crizada, a famosa Jerusalém.

Quanto mais avançavam, mais ardente se ia tornando o sol, e mais pedregosa e mais repulsiva e triste, se tornava a paisagem. Se cada dia por qualquidão das terras fosse ocupada por uma distinta e separada oficina de canteiro dormia um escuro, não haveria modo fraguense de pedra a jazear, ou só por sioda a parte de que la apal. Barro no via zins arvor no min arbusto. Até a oliveira e o cacto, esses doyntados a amigas dos maus terrenos, quais que haviam desamparado o país. Não ha paisagens mais fastidiosas do que a que rodeia as cercanias de Jerusalém. A unica diferença que se nota entre as estradas e o solo circunvizinhança talvez seja a de haver mais rochas n'aquelle do que n'este.

Passámos Ramah e Beróa, e d'ltreis vimos o tímido de profeta Samuel as cavaleiras de uma grande alta-

ra. Ainda se não avistava Jerusalém. Prosseguimos com impaciencia. Desmobilizamo-nos em instante na antiga fonte de Belra, paramos as suas pedras, emitindo desgozoadas pelo tacto da imundice com a sede que se fizera ha escutelos, sól tinha interesse nenhum para nós — mortifício por ver Jerusalém. Picámos as bestas, de mimo em mimo, e de ordinaria comecávamos a saltar os pescoco antes de chegarmos ao cimo — mas segui-se sempre o desenguno... mais monta estupidos para alien — male palidez que só revere — e mala da cidade sentiu.

Finalmente, no mesmo dia, principiamos a entrar a estrada pedeças de antigos muros e arcos meio arruinados — esforçamo-nos por galgar mais um monto e todo a perigrim, iedi o pretender, erguem alto a chapéu! Jerusalém!

Lavravada sobre os sens choros mortos, branca, com espalma e solidão, apinhada a altas de muralhas cinzentas, a venerável cidade brilhava no sol. Tão preguem! Pôs mão a maior que uma aldeia miserável de quates mil habitantes e que uma cidade ordinária da Syria de trinta mil. Jerusalém conta apenas quatrocentos mil habitantes.

Aproximo-nos e, sem proferir dizes conselhos, contemplámo-la durante uma hora, atraíva do valo que se interponha entre nos e a cidade, o nocturno esmoz das felizes prosenientes que se gravavam tornam fascinantes a traços os homens desde o tempo em que vao a escola ate a morte. Reconheceram a torre de Hippicus, a mesquita de Omar, a porta de Damasco, o monte das Oliveiras, o vallo de Josaphat, a torre de David, e o hoste de Gethsemani — e partindo d'esses marcos apontaram talvez qual som ervar o sítio de muitos outros que não podíamos distinguir.

Registrei aqui como facto notável, mas não descurar, que os nossos peregrinos non sequer choraram.



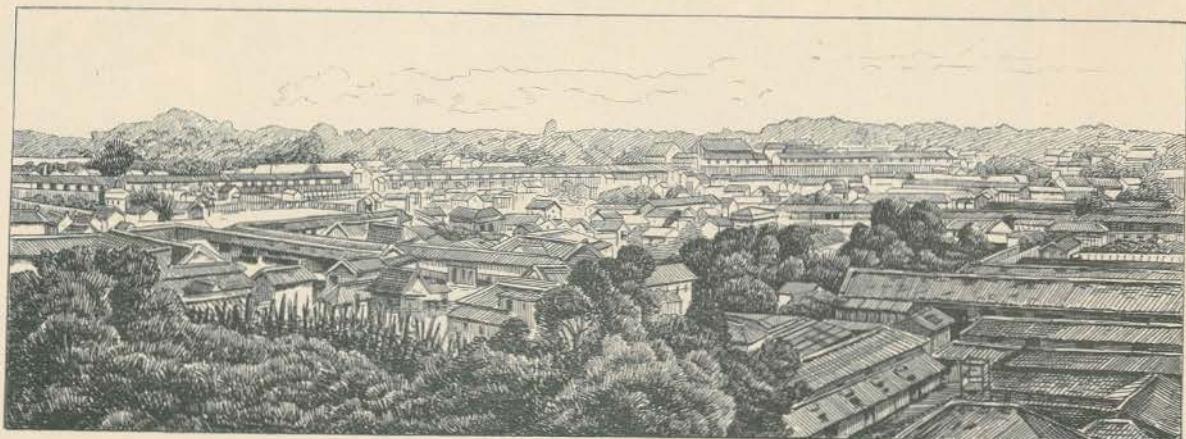
JOÃO JOSÉ RODRIGUES BAPTISTA
O CAPITÃO DA 4.^a COMPANHIA DA GUARDA MUNICIPAL
ASSASSINADO EM 5 DE MAIO, NO QUARTEL DA ESTRELA
PELO CABO N.^o 115, DA MESMA COMPANHIA,
Manuel de Deus



MANUEL ANTONIO DE DEUS
CABO N.^o 115 DA 4.^a COMPANHIA DA GUARDA MUNICIPAL
Assassinado das doze oficiais da sua companhia



ARTHUR DOS SANTOS RIBEIRO
ALFERES DA 4.^a COMPANHIA DA GUARDA MUNICIPAL
A outra vítima do cabo Manuel de Deus



A GUERRA RUSSO-JAPONEZA:—VISTA GERAL DE TOKIO

CHRONICA ELEGANTE

As alternativas de dias puramente estivais e d'outros com mortadas desabridas relembrando tardes de janeiro fizeram com que o formoso abril corresse sem o entrain proprio da verdadeira primavera. Até a supressão das gazetas trouxe uma nota desconsoladora a esse mês tão nomeadamente radioso e prometedor do festivo e atraçôes.

Talvez as honras, mas passaram-se em segredo e som o condimento sugestivo do *récitale* e dos *comptos-rendas* que são um dos encantos de todo o acontecimento lisboeta.

A moda parece estar fixada e provavelmente só aparecerá de hora em deante várias modificações e inovações que não poderão trazer alteração importante.

Uma das feições mais notáveis da moda actual é que nos trajes de passeio se observa a mais sensata simplicidade de leito e guarnições, pelo menos na aparência, ao passo que nos trajes de cerimô-

rias, formam-se associações que a outros tempos teriam parecido o cumulo do disparate: azul e lilaz, roxo e cérdo de rosa, etc.

Os grandes *conturières* adopiam, uns o estilo Luiz XV, outros o 1.^o Império, o genero 1830, ou o 2.^o Império, modificando-os e adaptando-os às exigências da linha moderna e ao perfeito conhecimento do aspecto das pessoas. Assim estuda da a questão da alta moda, assim comprehendido o que melhor convém á estatura, á cérdo do pello e dos cabbelos, e também ao tipo suave, severo ou majestoso da physionomia, não é para admirar que nas grandes réuniões mundanas se vejam surgir figuras já de si formosas, mas que a arte do *habilleur* moderno completa da maneira mais suggestiva e encantadora.

FIG. 1 — *Toilette* do recepção em mousseline de sate branca com incrustações de renda gaipure artística portuguesa.

FIG. 2 — Blusa de chigas, cérdo de rosa, e chapéu 1830 de gaze rosa com plumas e rosas debaixo da aba.

FIG. 3 — *Toilette* de passeio em élanine gris argent. Chapéu de palha setim com plumas pretas.



FIGURA 1



FIGURA 2

nina, recepção, *soirée*, etc., o luxo atinge a mais alta fantasia, o mais complicado requinte, a mais longa sumptuosidade que se pode imaginar.

O branco, apenas *teinté* ou simplesmente puro, é a cérdo preferida para *toilettés* de maior elegância. Os nomes indicam bem as varias nuances de branco: *crème*, *ciment*, *craie*, *ivoire*, *bis*, *champagne*, *bleuté*, *Nil*, etc. Nestas varias gammas de branco, assim como nas cores atennadas,



FIGURA 3